

AS RURALIDADES DA METRÓPOLE

Evandro Fernandes¹ - USP
evandronoro@yahoo.com.br

As relações Cidade-Campo na metrópole paulistana alteraram-se radicalmente a partir dos anos de 1950, configurando-se em novas formas espaciais.

O espaço rural que se encontra presente hoje é o que ainda resta desse processo de intensa urbanização pelo qual vem passando a metrópole. Ao início do século 21 a região mais urbanizada do Brasil apresenta um espaço rural ativo valorizando e questionando a dialética entre rural e urbano.

A dinâmica do rural/urbano ou vice versa presente na metrópole densamente urbanizada, apresenta um espaço rural, principalmente na zona sul e leste da capital, remete-nos a questionamentos, que com freqüência tem inquietado muitos pesquisadores quanto à definição legal de rural e urbano e que muitas vezes leva a limitações em consequência dessa demarcação de rural e urbano.

Essa idiossincrasia presente nesse debate leva a variadas interpretações e denominações quanto ao espaço rural paulistano. Uma vez que encontra-se presente categorias; urbanas expressas nas determinações legais, nas relações comerciais, industriais e ações públicas; rurais representadas na produção agrícola, que é traduzida em hortifrutigranjeiros, plantações de feijão e mandioca, extração de mel, plantas ornamentais e ervas medicinais até criação de bovinos para produção de leite e abastecimento familiar.

Debord aponta para unificação dos espaços a partir da produção capitalista, e cita Lewis Mumford, ao falar do transbordamento das cidades para um meio rural cheio de 'massa informes de resíduos urbanos' e que é latente em nossa área de estudo além de uma intensidade de resíduos rurais entremeando as determinações legais da área urbana.

Acrescenta que a história econômica desenvolveu-se em torno da oposição cidade-campo, e nos estágio que presenciamos nos dias de hoje há uma nulidade desses termos e uma estagnação do desenvolvimento histórico em busca apenas do movimento econômico, ou seja, começa a desaparecer a cidade e o campo e não a "superação de sua cisão, mas sua destruição simultânea".

A partir do desgaste recíproco do urbano e do rural que apresenta-se numa mistura eclética de elementos decompostos e de novos elementos multifacetados que surgem decorrentes desse movimento que recobre esses espaço afetado pela industrialização, autores como Abramovay, Alentejano, Marques, Veiga debruçam-se para dar novos

¹ BACHAREL EM CIÊNCIAS ECONÔMICAS – UFSM
PESQUISADOR DO LABORATÓRIO DE GEOGRAFIA AGRÁRIA DA USP.
ORIENTADO PELO PROF. DR. JULIO CESAR SUZUKI.

entendimentos para o rural e para o urbano, levando em consideração as particularidades que vão além de uma determinação pelo número de habitantes, carência ou presença de serviços, bem como a eleição de determinados setores para o campo ou para cidade.

O que observamos nas leituras desses autores são entendimentos que perpassam as ações políticas administrativas e que envolvem relações sociais associadas diretamente ao uso da terra no caso do rural e relações mais independentes no caso do urbano, mas capazes de superar as limitações e convergirem para o desenvolvimento conjugado para seus atores.

As definições legais e estudos realizados em diferentes localidades são as referências quanto ao entendimento de rural e urbano, e os levantamentos empíricos dos elementos constituintes no senso comum coletados junto aos agricultores são fontes para o propósito da discussão das ruralidades na densa metrópole paulistana.

BIBLIOGRAFIA

ABRAMOVAY, R. *Funções e medidas da ruralidade no desenvolvimento contemporâneo*. Rio de Janeiro: IPEA, 2000.

ALENTEJANO, P. R. *O que há de novo no rural brasileiro?*. *Terra Livre*. São Paulo, n. 15, p. 87-112, 2000.

DEBORD, G. *A sociedade do Espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

MARQUES, M. I. M. O conceito de espaço rural em questão. *Terra Livre*. São Paulo n. 19, p. 95-112, 2002.

VEIGA, J. E. *Cidades imaginárias: o Brasil é menos urbano do que se calcula*. Campinas: Autores Associados, 2002.

WILLIAMS, R. *O campo e a cidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

LAS RURALIDADES DE LA METROPOLE

Evandro Fernandes²- USP
evandronoro@yahoo.com.br

Las relaciones ciudad-campo en la metrópole paulistana se alteraron radicalmente a partir de los años de 1950, configurando nuevas formas espaciales.

² BACHAREL EM CIÊNCIAS ECONÔMICAS – UFSM
PESQUISADOR DO LABORATÓRIO DE GEOGRAFIA AGRÁRIA DA USP.
ORIENTADO PELO PROF. DR. JULIO CESAR SUZUKI.

El espacio rural que se encuentra hoy es lo que sobra de este proceso de intensa urbanización por el cual viene atravesando la metrópole al comienzo del siglo 21, la región más urbanizada de Brasil presenta un espacio rural activo valorando y cuestionando la dialéctica entre rural y urbano.

La dinámica del rural/urbano o vice versa presente en la metrópole densamente urbanizada, presenta un espacio rural, principalmente en la zona sur y oeste de la capital, llevándonos a cuestionamientos, que con frecuencia inquieta muchos investigadores cuanto a la definición legal de rural y urbano que muchas veces lleva a la limitación en consecuencia de esa delimitación del rural y urbano.

Esa idiosincrasía presente en este debate lleva a diversas interpretaciones y denominaciones cuanto al espacio rural paulistano. Una vez que se encuentra presente categorías urbanas expresas en las determinaciones legales, en las relaciones comerciales, industriales, acciones públicas, rurales representadas en la producción agrícola que es traducida en los hortifrutigranjeros, plantaciones de fripe y yuca, extracción de miel, plantas ornamentales y hierbas medicinales incluso crías de vacunos para producción de leche y abastecimiento familiar.

Debord señala para la unificación de los espacios a partir de la producción capitalista, y menciona Levis Munford, al hablar del desborde de las ciudades para un medio rural lleno de las masas informes de los residuos urbanos y que es rotundo en nuestra área de estudio, además de una intensidad de residuos rurales invadiendo las determinaciones legales del área urbana.

Añadiendo que la historia económica se desarrolló en torno de la oposición ciudad campo, y los niveles que presenciemos en los días actuales hay una nulidad de estos términos y una estagnación del desarrollo histórico en la búsqueda solamente del movimiento económico es decir, comienza a desaparecer la ciudad y el campo y no la 'superación de su ruptura, mas su destrucción simultánea'.

A partir del desgaste recíproco del urbano y del rural que se presenta en una mezcla ecléctica de elementos desconpuestos y de nuevos elementos multifacetados que surgen decorrientes de estos movimientos que recubren esos espacios afectados por la industrialización, autores como Abramovay, Alentejano, Marques, Veiga se inclinan para dar nuevos entendimientos para el rural y para el urbano, llevando en consideración las particularidades que van más allá de una determinación por el número de los habitantes, carencia u presencia de los servicios, así como la elección de determinados sectores para el campo u para ciudad.

Lo que se observa en las lecturas de esos autores son entendimientos que rebasan las acciones políticas administrativas y que envuelven relaciones sociales asociadas directamente al uso de la tierra en el caso del rural y relaciones más independientes en el

caso del urbano, mas capaces de superar las limitaciones y convergir para el desarrollo conjugado para sus actores.

Las definiciones legales y estudios realizados en las diferentes localidades son las referencias cuanto al entendimiento del rural y urbano, y las observaciones empíricas de los elementos constituyentes en el sentido comun recoletado junto a los agriculores son fuentes para el proposito de la discusión de las ruralidades em la densa metrópole paulistana.

BIBLIOGRAFÍA

ABRAMOVAY, R. *Funções e medidas da ruralidade no desenvolvimento contemporâneo*. Rio de Janeiro: IPEA, 2000.

ALENTEJANO, P. R. *O que há de novo no rural brasileiro?*. *Terra Livre*. São Paulo, n. 15, p. 87-112, 2000.

DEBORD, G. *A sociedade do Espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

MARQUES, M. I. M. O conceito de espaço rural em questão. *Terra Livre*. São Paulo n. 19, p. 95-112, 2002.

VEIGA, J. E. *Cidades imaginárias: o Brasil é menos urbano do que se calcula*. Campinas: Autores Associados, 2002.

WILLIAMS, R. *O campo e a cidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.